PROJETO DE LEI DO LEGISLATIVO Nº 005, DE 11 DE MARÇO DE 2022.

Cria a FRENTE DE HOMENS PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES no âmbito do Município de Santo Augusto/RS.

Art. 1°- Fica criada a Frente Parlamentar de HOMENS PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES.

Art. 2°- A Frente Parlamentar de HOMENS PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES, terá o papel de debater e informar a população sobre os investimentos, projetos, políticas e ações em relação as mulheres e meninas oriundos de todas e quaisquer iniciativas, sendo públicas ou não.

Art. 3°- A Frente Parlamentar de HOMENS PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES terá caráter suprapartidário, possibilitando o debate de todos os parlamentares das bancadas desta Casa Legislativa.

Art. 4°- Fica autorizado a Frente Parlamentar de HOMENS PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES; Planejar, organizar, criar e potencializar ações de combate a violência contra a mulher.

Art. 5º - Fica autorizado a FRENTE PARLAMENTAR DE HOMENS PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, representar a Câmara Municipal de Vereadores de Santo Augusto/RS, em atividades relacionadas ao tema.

Art. 6° - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Câmara de Vereadores de Santo Augusto/RS, 11 de março de 2022.

Ver. Maicon Mauricio Lopes
Presidente

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES
SANTO AUGUSTO - RS
EXPEDIENTE RECEBIDO
PROT. Nº 127 de 11 / 03 / 2022
Resp. _____ às 09:06 hs

JUSTIFICATIVA

No Brasil, a cada 9 horas uma mulher é vítima de feminicídio. Um estupro ocorre a cada 9 minutos e a cada 2 minutos uma mulher registra ocorrência de violência de gênero. Portanto, é necessário garantir maior visibilidade e um amplo debate sobre a violência doméstica, bem como fortalecer políticas públicas, especialmente na aplicação da Lei Maria da Penha.

Afirmamos com isso, que a iniciativa que apresentamos precisa envolver o conjunto da sociedade, pois o fim da violência contra a mulher não é uma causa exclusivamente feminina, sendo uma responsabilidade de toda a sociedade.

Nossa proposição tem o objetivo de ampliar o debate sobre o tema, promovendo avanços, tendo como consequência a mudança desse comportamento, além de contribuir para a estruturação da rede de atendimento às mulheres em situação de violência. São compromissos da Frente:

Sensibilizar os homens de que violência contra as mulheres é crime e um comportamento que precisa ser extinto;

Contribuir para a alocação de recursos no Orçamento Público para a implementação de políticas públicas para as mulheres vítimas de violência;

Planejar, executar e manter atividades permanentes em conjunto com a Rede das Frentes Parlamentares dos Homens pelo Fim da Violência contra as Mulheres.

Câmara de Vereadores de Santo Augusto/RS, 11 de março de 2022.

Ver. Maicon Mauricio Lopes
Presidente

MENU DESTA SEÇÃO

Violência contra a mulher aumentou no último ano, revela pesquisa do DataSenado

Da Agência Senado | 09/12/2021, 16h30



A edição de 2021 da pesquisa revela crescimento de 4% na percepção das mulheres sobre a violência em relação à edição anterior, de 2019

Bruno Itan/Rio Solidário



A maioria das mulheres brasileiras (86%) percebe um aumento na violência cometida contra pessoas do sexo feminino durante o último ano. A conclusão é da pesquisa de opinião *"Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher — 2021"*, realizada pelo Instituto DataSenado, em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência. O estudo foi lançado nesta quinta-feira (9) durante audiência pública na Comissão de Direitos Humanos.

A pesquisa é realizada a cada dois anos, desde 2005. A edição de 2021 revela um crescimento de 4% na percepção das mulheres sobre a violência em relação à edição anterior. O estudo ouviu 3 mil pessoas entre 14 outubro e 5 de novembro.

Para 71% das entrevistadas, o Brasil é um país muito machista. Segundo a pesquisa, 68% das brasileiras conhecem uma ou mais mulheres vítimas de violência doméstica ou familiar, enquanto 27% declaram já ter sofrido algum tipo de agressão por um homem.

De acordo com a pesquisa, 18% das mulheres agredidas por homens convivem com o agressor. Para 75% das entrevistadas, o medo leva a mulher a não denunciar. O estudo demonstra, no entanto, que 100% das vítimas agredidas por namorados e 79% das agredidas por maridos terminaram a relação.

O DataSenado ouviu as entrevistadas sobre o projeto de lei (PL) 116/2020, que criminaliza a violência contra a mulher praticada em meios eletrônicos. Aprovada na Comissão de Direitos Humanos (CDH) em agosto, a matéria, da senadora Leila Barros (Cidadania-DF), aguarda designação de relator na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ). Para 48%, se aprovada, a proposta vai aumentar a proteção à mulher.

— A violência contra a mulher ocorre em todos os espaços - em casa, na rua, no trabalho, e, pior que isso, a violência contra mulher também ocorre no ambiente virtual — afirmou Leila Barros, que é Procuradora da Mulher no Senado.

O coordenador do DataSenado, Marcos Ruben de Oliveira, apresentou a pesquisa e mostrou também um painel interativo que pode ser acessado pelos cidadãos que queiram entender os dados de violência doméstica no Brasil.

— Nós acreditamos que os resultados da pesquisa podem ajudar bastante nas políticas públicas voltadas ao combate da violência contra a mulher — afirmou o coordenador do DataSenado.

A coordenadora do Observatório da Mulher contra a violência no Senado Federal, Maria Teresa Firmino, disse que o trabalho realizado é essencial para buscar medidas de combate à violência contra a mulher.

— Os números da pesquisa ganharam outra forma quando eu passei a ouvir os relatos das mulheres vítimas da violência doméstica.

Pandemia

A atriz, empresária e modelo Luíza Brunet também participou da reunião de lançamento da pesquisa. Ativista no combate à violência contra a mulher depois de se tornar vítima de agressões do ex-marido, ela constatou o crescimento do problema durante a pandemia.

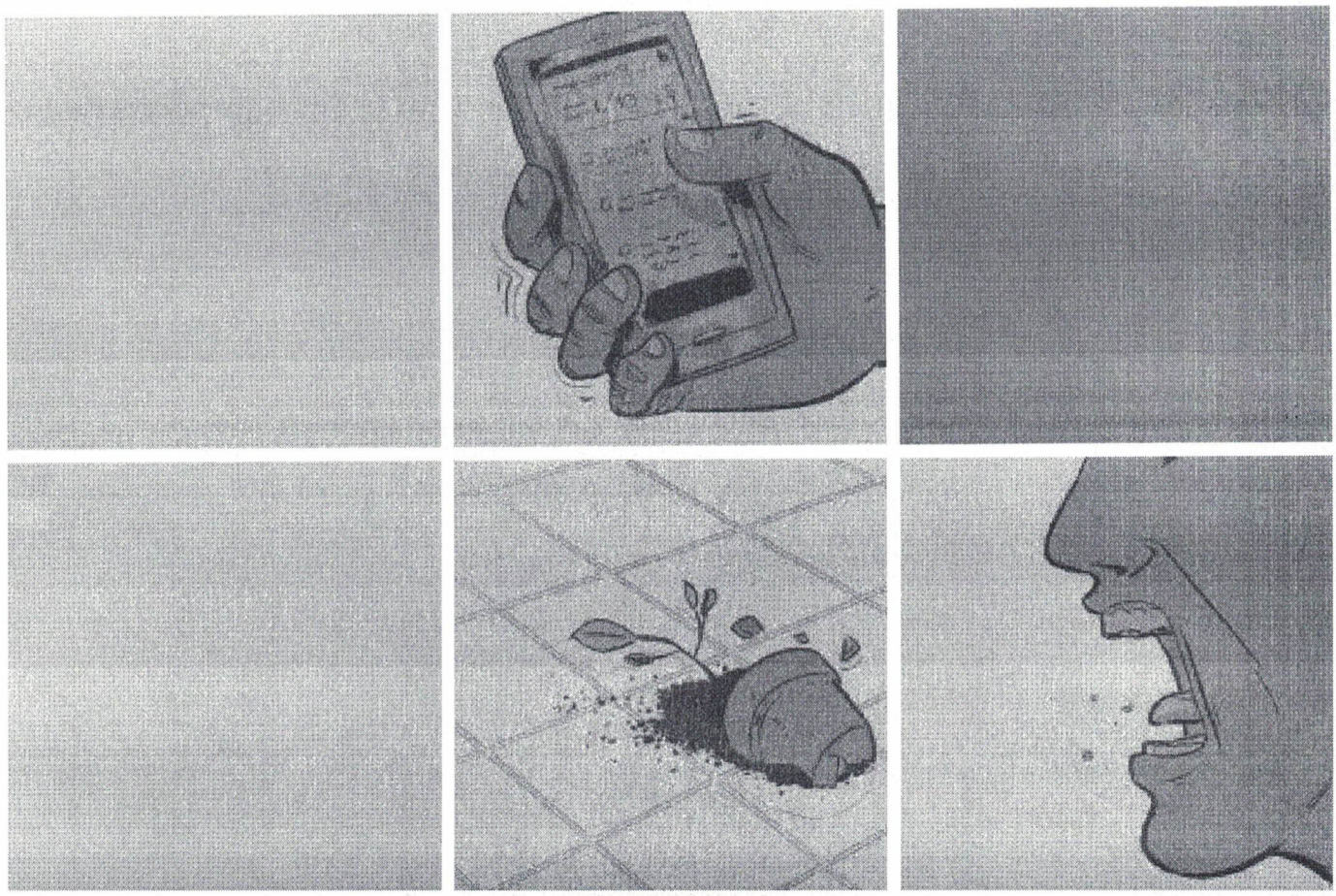
— É muito triste, porque eu tenho viajado pelo Brasil inteiro e realmente tenho recebido muitos relatos dessas mulheres sobre ter que ficar em casa com seus maridos, que são seus agressores. Esse isolamento social deixou as pessoas numa situação muito ruim por causa do desemprego. E a gente sabe que o alcoolismo, o desemprego, tudo isso contribui para que as violações aconteçam com mais facilidade. É um estopim para qualquer tipo de coisa — ressaltou.

Luíza Brunet também recordou a sua experiência como vítima de violência doméstica e apontou alguns avanços para as mulheres nos últimos anos.

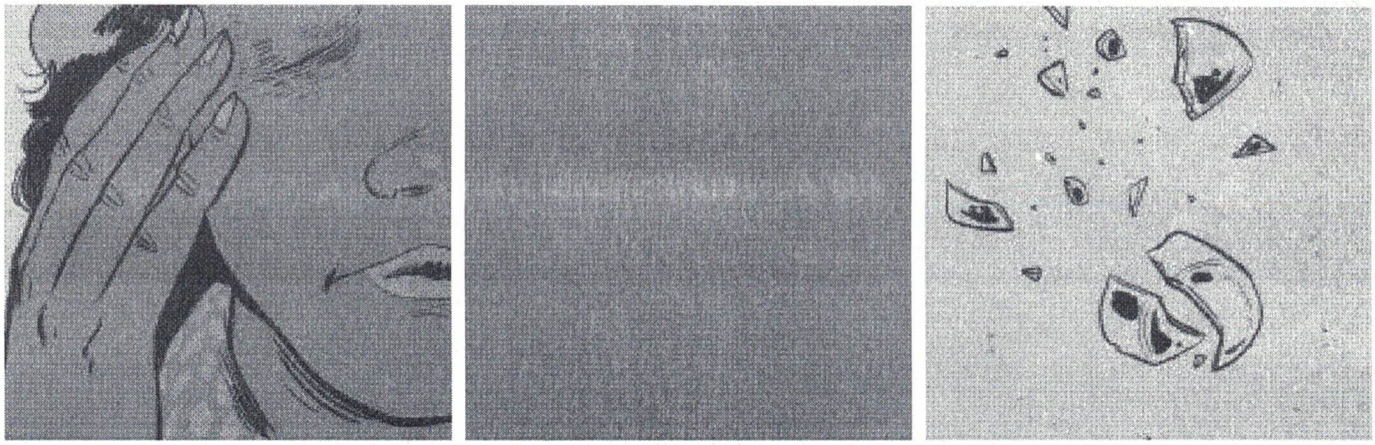
— Eu vivenciei dentro de casa, fui vítima de violência sexual aos 12 anos de idade; fui vítima de violência moral e sexual quando comecei a trabalhar como modelo; fui vítima de violência física e psicológica, que agora já é considerada crime, graças a Deus. Acho que a gente vem ganhando muito espaço. Quanto mais a gente fala, mais a sociedade entende o quanto é importante se envolver com essa pauta — disse.

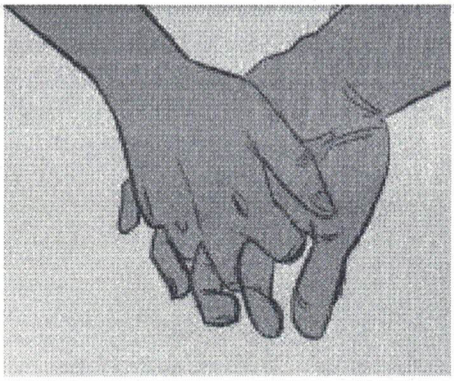
Agência Senado (Reprodução autorizada mediante citação da Agência Senado)

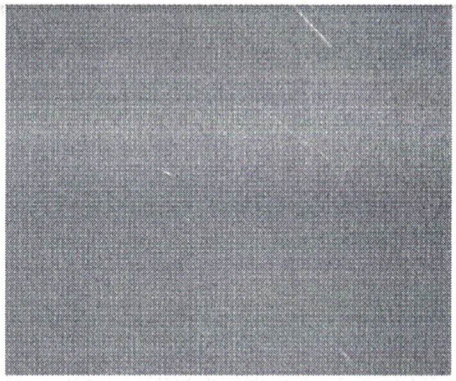
senadonotícias
Quer receber notificações do portal Senado Notícias?
Receber notificações | Agora não



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR







Compartilhe:

Sumário

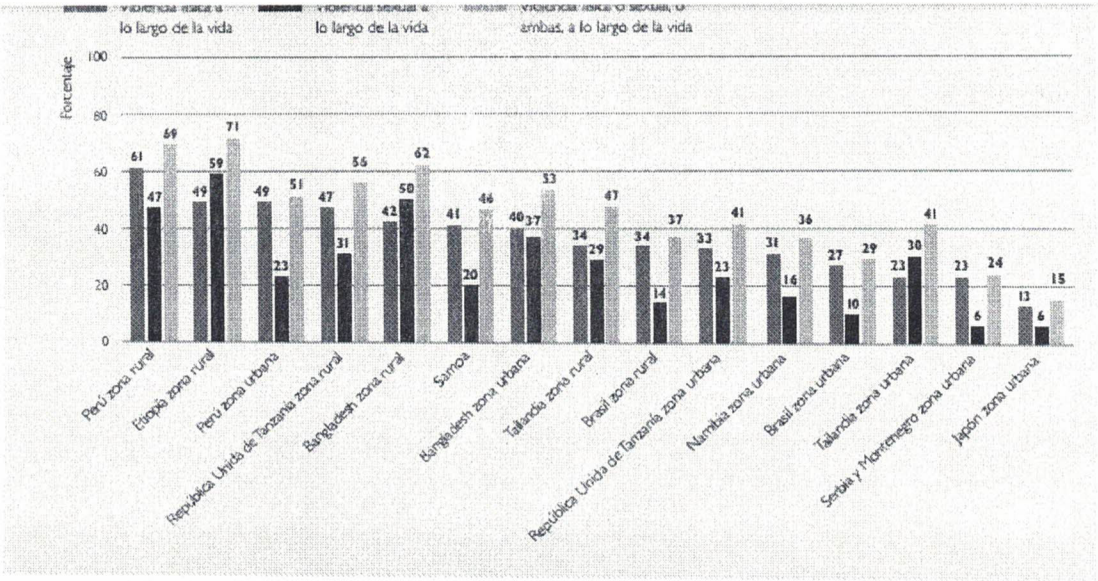
- *Apresentação*
- *O que é a violência doméstica?*
- *Dados nacionais*
- *Quais as causas*
- *Há um perfil de vítima e um de agressor?*
- *Por que é tão difícil sair de uma relação violenta*
- *Como superar?*
- *10 informações que podem evitar equívocos frequentes*

Apresentação

O que a senhora fez pra ele te bater?
Por que você não denunciou da primeira vez que ele bateu?
Por que ela não se separa dele?
Ela provocou.
É mulher de malandro, eles se merecem.
Quando descobriu que ela tinha um amante, ele perdeu a cabeça.
Ficou desesperado pelo amor não correspondido e acabou fazendo uma loucura.

Sob diversas formas e intensidades, a violência doméstica e familiar contra as mulheres é recorrente e presente no mundo todo, motivando crimes hediondos e graves violações de direitos humanos. Mesmo assim, frases como essas ainda são amplamente repetidas, responsabilizando a mulher pela violência sofrida e minimizando a gravidade da questão.

De acordo com estudo realizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) – Estudio multipaís de la OMS sobre salud de la mujer y violencia doméstica contra la mujer (OMS, 2002) – as taxas de mulheres que foram agredidas fisicamente pelo parceiro em algum momento de suas vidas variaram entre 10% e 52% em 10 países pesquisados.



No Brasil, estima-se que cinco mulheres são espancadas a cada 2 minutos; o parceiro (marido, namorado ou ex) é o responsável por mais de 80% dos casos reportados, segundo a pesquisa Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado (FPA/Sesc, 2010).

Apesar dos dados alarmantes, muitas vezes, essa gravidade não é devidamente reconhecida, graças a mecanismos históricos e culturais que geram e mantêm desigualdades entre homens e mulheres e alimentam um pacto de silêncio e conivência com estes crimes.

Na pesquisa Tolerância social à violência contra as mulheres (Ipea, 2014), 63% dos entrevistados concordam, total ou parcialmente, que "casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família". E 89% concordam que "a roupa suja deve ser lavada em casa", enquanto que 82% consideram que "em briga de marido e mulher não se mete a colher".

Um problema de toda a sociedade

Diversas leis e normas nacionais e internacionais frisam que é urgente reconhecer que a violência doméstica e familiar contra mulheres e meninas é inaceitável e, sobretudo, que os governos, organismos internacionais, empresas, instituições de ensino e pesquisa e a imprensa devem assumir um compromisso de não conivência com o problema.

Esta é uma questão grave, que impede a realização do pleno potencial de trajetórias pessoais, vitima famílias inteiras marcadas pela violência e, assim, limita o desenvolvimento global da sociedade.

Dados do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento apontam que uma em cada cinco faltas ao trabalho no mundo é motivada por agressões ocorridas no espaço doméstico. Essas instituições calculam ainda que as mulheres em idade reprodutiva perdem até 16% dos anos de vida saudável como resultado dessa violência.

Confira a seguir uma seleção de dados e pesquisas, informações essenciais e análises de especialistas para apoiar uma compreensão mais ampla sobre a violência contra as mulheres no Brasil.

O que é a violência doméstica?

Uma das imagens mais associadas à violência doméstica e familiar contra as mulheres é a de um homem – namorado, marido ou ex – que agride a parceira, motivado por um sentimento de posse sobre a vida e as escolhas daquela mulher. De fato, este roteiro é velho conhecido de quem atua atendendo mulheres em situação de violência: a agressão física e psicológica cometida por parceiros é a mais recorrente no Brasil e em muitos outros países, conforme apontam pesquisas recentes.